

A propósito da escrita de artigo científico

Clara Regina Rodrigues de Souza
Guilherme Moés Ribeiro de Sousa

Resumo: O domínio da escrita dos gêneros acadêmicos faz-se primordial para o sucesso acadêmico-profissional do estudante universitário. Destarte, a presente pesquisa tem como objetivo principal apontar as adequações e as impropriedades frequentemente observadas na produção escrita de gêneros acadêmicos, em especial do artigo científico, a fim de traçar caminhos para o desenvolvimento de um texto de qualidade. Para tanto, implementou-se uma pesquisa bibliográfica e analítica que nos permitiu evidenciar as principais falhas quanto à harmonização escrita do gênero artigo científico; em especial destaque para problemas referentes ao discurso, focalizando na autoria, e ao plágio.

Palavras-chave: Gêneros acadêmicos. Artigo científico. Discurso. Autoria. Plágio.

Clara Regina Rodrigues de Souza é doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora substituta do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Guilherme Moés Ribeiro de Sousa é graduando em Licenciatura em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU/CG).

A propósito de la escritura de artículo científico

Resumen: El dominio de la escritura de los géneros académicos se hace primordial para el éxito académico-profesional del estudiante universitario. De esa manera, la presente investigación tiene como objetivo principal apuntar las idoneidades y las impropiedades frecuentemente observadas en la producción escrita de géneros académicos, en especial del artículo científico, a fin de trazar caminos para el desarrollo de un texto de calidad. Para tanto, se implementó una investigación bibliográfica y analítica que nos permitió evidenciar los principales fallos en cuanto a la armonización escrita del género artículo científico; en especial destaque para problemas referentes al discurso, focalizando en la autoría, y al plagio.

Palabras-clave: Géneros académicos. Artículo científico. Discurso. Autoría. Plagio.

Introdução

No Ensino Superior, a (boa) escrita é uma peça-chave no processo de inserção na academia, pois é por meio dela que o discente divulga os resultados oriundos das suas pesquisas realizadas no ambiente universitário. Além de ter de escrever bem, o estudante deve dominar os ditos gêneros acadêmicos, mediante práticas comunicativas da linguagem específicas do âmbito do Ensino Superior; dentre os quais, podemos mencionar, o resumo, a resenha, a monografia, a dissertação, a tese, o artigo científico.

Em especial destaque, temos o artigo científico. Segundo Marcantônio, Santos e Lehfeld (1993), os artigos científicos são produtos de

estudos completos de um determinado objeto de pesquisa, não se configurando em matéria para *dissertações*, *teses* ou *livros*. Apresentam as pesquisas com seus respectivos resultados e são publicados em revistas, anais ou periódicos especializados. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (1991) esclarecem que os artigos científicos, embora não se configurem como matéria para livros, constituem-se como pequenos estudos, mas completos, que versam acerca de uma problemática/situação integralmente científica.

Na verdade, os artigos científicos diferem-se de outros trabalhos científicos, como as *monografias*, *dissertações*, *teses*, pela sua mínima dimensão e conteúdo. Seu principal objetivo é, justamente, propalar os desfechos e repercussões de pesquisas, de ideias e de debates de uma forma clara, sintética e autêntica. Assim, servem como meio de troca de informações entre cientistas e pesquisadores, contribuindo com o fazer ciência.

Como qualquer outro gênero acadêmico, o artigo científico necessita ter algumas características específicas, como qualidade linguística, técnico-conteudística, de autenticidade e de formatação. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de apontar as adequações e as impropriedades linguístico-textual-discursivas frequentemente observadas na produção escrita de gêneros acadêmicos, em especial do Artigo científico.

Ademais, esta pesquisa justifica-se na medida em que é observada uma dificuldade com escrita desde a Educação Básica. Essa dificuldade, por parte dos alunos, reflete em problemas linguísticos, que dizem respeito à adequação à gramática culta da língua, como também problemas que vão ao discurso e a questões de autoria, como

é o caso do plágio. Ainda, a importância deste trabalho se relaciona à necessidade de familiarização dos graduandos e pós-graduandos com o gênero artigo científico, uma vez que ele é ponte para a inserção na pesquisa e na Academia.

Para a produção deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tomando como base autores como: Bronckart (1999) e Bonini (2004), que alicerçam a discussão acerca dos gêneros textuais/discursivos; Aranha (2009), Figueiredo e Bonini (2006), Motta-Roth (1999), Spack (1988) e Swalles (1990, 2004), os quais tratam dos gêneros acadêmicos; Marcantônio, Santos e Lehfeld (1993) e Lakatos e Marconi (1991, 1996), que discutem a produção do gênero Artigo científico; Kleiman (1995) e Soares (1998), a partir das quais serão discutidos aspectos referentes ao letramento e ao letramento acadêmico; Foucault (2001), Veiga-Neto (2014) e Leibrunder (2002), que fomentam a discussão sobre o discurso e a neutralidade na escrita acadêmica; dentre outros célebres autores.

Em seguida, foi realizada uma análise das produções científicas veiculadas nos anais da XVI Semana de Letras da UEPB, realizada no ano de 2013, a fim de constatar adequações e impropriedades relacionadas à escrita do gênero Artigo científico, voltando-se, especialmente, à neutralidade do discurso e ao plágio. Nesse sentido, por questões éticas, os títulos e as autorias dos trabalhos da XVI Semana de Letras da UEPB analisados não foram divulgados neste trabalho.

Sendo assim, partiremos, inicialmente, para uma breve abordagem da fundamentação teórica que alicerçou este estudo para que, sequencialmente, seja apresentada uma análise acerca da escrita do artigo científico propriamente dito.

Aporte teórico: em torno da escrita

A prática da pesquisa é assinalada como elemento indispensável para a garantia da qualidade da formação tanto na graduação quanto na pós-graduação. No caso das licenciaturas, isso é frisado nos documentos oficiais que as regulamentam no Brasil (cf. PARECER CNE/9/2001 e RESOLUÇÃO CNE/CP/1/2002). Conforme esses documentos, a pesquisa deve ser posta como atividade cotidiana do professor, a fim de que ele encontre-se em uma incansável busca pela melhoria e compreensão do processo de ensino-aprendizagem.

A experiência da pesquisa é - e se não for, deve ser - parte integrante da vida dos graduandos dos cursos de licenciatura, pois é por meio dela que eles têm contato com os discursos que permeiam o contexto e os gêneros acadêmicos. Destarte, a compreensão acerca dos gêneros textuais/discursivos acadêmicos em seus diversos aspectos, sejam eles estruturais, pragmáticos, sejam retóricos etc., é ponto de partida para a prática de pesquisa, para o desenvolvimento aguçado do senso crítico e para a formação de um professor pesquisador (SWALES, 2004).

A ideia do uso de gêneros como alicerce para o ensino de Língua Portuguesa, como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, bem como a noção trazida por Bakhtin (2000), de estruturas relativamente estáveis, estão longe de ser um conceito completo para a explicação e organização da infinidade de textos que existem. Por exemplo, Bonini (2004) fala sobre a existência de doze conceitos para gêneros oriundos de autores renomados

na área que os conceituam enfatizando aspectos diferenciados desses eventos comunicativos.

Em virtude do objetivo deste trabalho, tomaremos como base a definição de gênero feita por Swales (1990), o qual destaca a vertente pedagógica dos gêneros, sob um viés acadêmico:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham alguns conjuntos de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem, e assim constituem a lógica para o gênero. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e constringe a escolha de conteúdo e estilo (SWALES, 1990, p. 58) [tradução nossa].

Ou seja, essa ideia pressupõe admitir que os gêneros realizam-se em comunidades ou grupos discursivos específicos, tendo em vista que suas estruturas e intenções comunicativas são legitimadas pelos integrantes veteranos do grupos. Nesse sentido, os neófitos necessitam passar por processos, seja de forma implícita, seja explícita, a fim de que possam estar efetivamente inseridos na referida comunidade ou grupo e, assim, tornar-se-ão, de fato, agentes no processo de participação e de produção do respectivo gênero.

No presente trabalho, os gêneros acadêmicos são compreendidos como os textos escritos e que permeiam o contexto da universidade, como forma de interação, diálogo e comunicação entre diversos integrantes desse meio, tais como professores, pesquisadores e alunos, com finalidades diversas, a exemplo de exposição de pesquisa, crítica a obras culturais, relatórios de estágios, dentre outras.

Como sugere Motta-Roth (1999), embora haja uma grande necessidade de inserção e de divulgação de pesquisas - seja em âmbito nacional, seja internacional - por parte dos pesquisadores iniciantes, que se encontram na graduação, é notável a existência de empecilhos. Isso porque muitos alunos não possuem o conhecimento necessário no que diz respeito ao discurso produzido na Academia, isto é, observa-se uma carência de entendimento das práticas acadêmicas e, concomitantemente, dos gêneros acadêmicos.

Nesse contexto, para que esses sujeitos sejam inseridos no ambiente acadêmico, faz-se necessário que eles tornem-se letrados na área da qual faz parte, uma vez que, para ser integrante efetivo e ativo de uma determinada comunidade ou grupo, é essencial que ele tenha a capacidade de brandir as práxis comunicativas/pragmáticas desse grupo (SPACK, 1988).

No que faz referência ao que é ser “letrado” na área, cabe resgatas as palavras que diferenciam, de forma suscita, alfabetização e letramento:

Ter-se adaptado à escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever. Aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar e decodificar a língua escrita. O indivíduo letrado não só é aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, P.40).

Diante desse esclarecimento, entendemos que o letramento vincula-se à utilização adequada da linguagem em situações comunica-

tivas específicas, tendo o sujeito produtor de linguagem consciência dos usos linguísticos que faz. É importante mencionar que o domínio da linguagem formal da língua é relevante para o desenvolvimento e recepção de produções textuais, assim como a realização motora e de decodificação. Contudo, de acordo com os pressupostos de Kleiman (1995), o letramento é um fenômeno proveniente de contatos sociais, os quais ocorrem entre sujeitos de uma mesma geração ou de gerações distintas, que modulam as práticas sociais, históricas e culturais de leitura e de escrita.

Ao saber da escrita como o eixo central de uma comunidade letrada, para que o estudante de graduação consiga adequá-la às especificidades, aos intuitos comunicativos do dado grupo acadêmico, faz-se indispensável que ele tenha domínio da linguagem empregada nesse espaço, a fim de que desenvolva aptidão no que diz respeito aos gêneros que circulam nesse contexto de produção.

Apesar de grande parte dos docentes e pesquisadores terem a consciência acerca da importância da inserção dos graduandos em pesquisas, e isso implica na adequação linguística e pragmática por parte desse grupo de iniciantes, é notável um déficit nos cursos de graduação no que concerne à presença, nas grades curriculares, de disciplinas que visem preparar o aluno para os anseios e demandas da vida acadêmica.

Como diz Aranha (2009),

A necessidade de dominar gêneros acadêmicos é inquestionável, mas os meios para alcançar esse domínio parecem ser limitados. Cursos de graduação no Brasil não incluem disciplinas cujos objetivos são desenvolver as habilidades de escrita

dos alunos, nem mesmo em sua língua materna (o curso descrito por Figueiredo e Bonini é uma exceção e não é parte do programa regular de graduação no qual foi ensinado), embora seja esperado que os alunos publiquem os resultados de suas investigações (ARANHA 2009, p. 465) [tradução nossa].

Nessa perspectiva, o gênero acadêmico foco desta pesquisa, o artigo científico, deve atender a algumas exigências:

Os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecem subsídios para outros trabalhos (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 82).

Nessa linha de raciocínio, Leibrunder (2002) caracteriza os textos científicos com base em alguns aspectos linguísticos, como: a utilização de uma linguagem suscita, sintética e dentro dos padrões de formalidade; o emprego de um padrão lexical, com atendimento ao vocabulário técnico e utilização da terceira pessoa do singular mais o índice de indeterminação do sujeito “-se” ou, então, uso da primeira pessoa do plural, que implica em um sujeito universal, e, portanto, ocasiona o apagamento do sujeito produtor do texto (FOUCAULT, 2001), haja vista a necessidade de neutralidade. Outrossim, assim como os textos científico de maneira geral, os artigos científicos apresentariam essas características.

Segundo Leibrunder (2002), esses elementos caracterizadores da impessoalidade discursiva em textos científicos constituem-se recursos de argumentação, cujo intuito maior é o de provar a veracidade dos fatos e a legitimidade do referido discurso, indicando a não-contaminação de ambas as partes, pesquisador e objeto pesquisado, no fazer científico. Todavia, é farsante essa intenção de neutralidade no discurso científico, uma vez que a preferência/discernimento pela temática e a maneira como o texto será articulado/desenvolvido indica a atuação de um sujeito no discurso.

Nesse direcionamento, para a articulação da discursividade, a subjetividade é um elemento primordial, por nós entendida como a “capacidade do locutor em se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 286). Propor-se sujeito não implica dizer que o autor produz o texto científico sem atender a regras específicas e essenciais a essa prática, mas sim que cabe a ele escolher a temática sobre a qual escrever, os autores a darem suporte teórico ao seu texto, dentre outros aspectos relevantes.

Bronckart (1999) elucida que a subjetividade presente nos Artigos científicos se faz presente por meio de duas realizações textuais: as modalizações e as citações. As modalizações são juízos de valor travestidos em representações linguísticas, as quais apontam um parecer sobre o conteúdo temático em discussão. Elas favorecem o desenvolvimento da coerência pragmática e são implementadas por unidades linguísticas denominadas de modalidades.

As modalidades estariam configuradas em tempos verbais no futuro do passado, auxiliares de modalizações (querer, dever, poder, saber, ser necessário etc.), subconjunto de advérbios (com certeza,

indubitavelmente, seguramente, provavelmente, etc.), determinadas construções impessoais (é notável que..., é possível que...), dentre outras configurações.

Por sua vez, a citação é uma maneira encoberta de dispor a subjetividade de quem cita e assegurar o caráter científico do seu texto, haja vista que, em uma produção textual científica, não se pode, pelo menos não diretamente, apresentar um tom subjetivo. Nesse sentido, as citações seriam uma espécie de reconhecimento ou confirmação ao que é dito por aqueles que não têm, ou dispõem de autoridade acerca da temática sobre a qual escrevem.

Por sua vez, a “falta de clareza nos textos monoautorais se manifesta em três casos: no plural majestático, no sujeito indeterminado e no pronome na 3ª pessoa do singular” (VEIGA-NETO, 2014, p.63). A respeito desse primeiro caso, esse pesquisador sugere uma falta de lógica e de domínio gramatical nos casos em que existe apenas uma pessoa falando ou escrevendo. Segundo o autor, essa prática é decorrente dos discursos políticos, os quais objetivam inserir, em seus próprios discursos, a maior quantidade de ouvintes possível.

Quanto ao uso sujeito indeterminado, Veiga-Neto (2014) diz parecer “não existir uma pessoa que fez a pesquisa e, nem mesmo, a pessoa que escreveu. A autoria fica nebulosa” (p. 63). E, no caso do uso de pronome na 3ª pessoa do singular, “se dá uma completa dissociação entre quem escreve e quem fez o trabalho, a pesquisa. Aquele que escreve coloca-se ‘fora do texto’, como se falasse acerca de um trabalho feito por outra pessoa” (p.64).

Como já mencionado anteriormente, esses usos os quais o autor critica são empregados com base na vontade de neutralidade que

permeia o discurso científico, que visa ao distanciamento entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, a fim de evitar possíveis contaminações que poderiam fazê-lo duvidoso. Em outras palavras,

é como se aquele que pensa, fala e escreve não estivesse sempre imerso no — e, por isso mesmo, envolvido com o e subjetivado pelo — mundo sobre o qual ele pensa, fala e escreve. A questão não é fazer de conta que o não uso da 1ª pessoa do singular garante a isenção do pesquisador, mas é assumir que tal isenção é uma ficção e que, conseqüentemente, é preciso estar sempre atento sobre os mútuos envolvimento entre aquilo que se chama “a realidade do mundo” e a descrição daquilo que se chama “a realidade do mundo” (VEIGA-NETO, 2014, p.64).

Ainda, de acordo com o autor, “o mito da neutralidade” reflete a ignorância acerca do progresso realizado com a virada linguística nas últimas décadas. Esquece-se, na verdade, de que não há mundo a ser descrito, mas versões de mundo criadas na própria descrição. Logo, esse mito configura-se com um pensamento frívolo e sem fundamento filosófico que, nas entrelinhas, quer dizer “não me comprometo com isso que está aí”.

Nessa perspectiva, tratamos do plágio, um problema evidenciado em uma parcela significativa de textos científicos, especialmente de Artigos. Sobre isso, Silva (2008) sugere que o ato de plagiar foi impulsionado na medida em que houve a democratização de obras no ambiente digital. Esse acesso facilitado favoreceu a cópia de pensamentos, de ideias alheias, o que constitui crime de autoria.

Conforme a autora, até antes do século XVIII, era considerado normal e aceitável se colocar como autor de obras produzidas por outras pessoas. Por exemplo, o fato de um sujeito traduzir determinado texto autorizava-o a se colocar como autor do mesmo. Logo, a prática do plágio não era concebida como errada diante da lei. Isso só veio a mudar após o movimento intelectual iluminista.

De acordo com Silva (2008), ressaltam-se três tipos de plágios: o integral, em que há uma cópia de total de um texto sem menção ao autor original; o parcial, em que se observam partes/trechos copiados sem menção ao autor real; e o conceitual, em que o sujeito utiliza-se de conceitos/pensamentos/ideias de um autor sem fazer menção a ele e como se fossem seus/suas.

Com a facilidade de acesso a uma infinidade de materiais, a prática da cópia sem fazer referência a quem produziu o original é frequente. Lamentavelmente, muitos estudantes, de vários níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, fazem uso dessa prática por não se mostrarem suficientemente capazes de desenvolver seu próprio pensamento. A escola precisa atuar para que os estudantes sejam ativos, persistentes, tenham gosto pelo saber, embora saibamos que depende muito também do próprio indivíduo querer evoluir intelectual e eticamente.

Nesse processo, ele precisa ser ativo, ultrapassar as fronteiras do transmitido, fugir das margens da timidez, enfim, gerar autonomia no processo de comunicação e de aprendizagem, o que o permitirá desenvolver seu senso de criatividade e mergulhar no espaço virtual infinito que é a imaginação (SILVA, 2008, p.361).

Conforme a autora, existe uma lacuna entre a instituição escolar e os alunos, fato acarretado, principalmente, em virtude de novos artefatos tecnológicos que imperam na contemporaneidade. Nesse contexto, a prática da leitura e da escrita, muitas vezes, é proposta sem levar em consideração as experiências prévias dos indivíduos, o que não permite ao estudante a reflexão e condição para, a posteriori, desenvolver textos com autonomia. Ainda, Silva (2008) esclarece que as ferramentas adotadas na prática pedagógica da escola e dos professores influem diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento do aluno, pois as escolas funcionam como vozes para os aprendentes.

Nessa perspectiva, a leitura é uma peça-chave para a formação de cidadãos-autores competentes e éticos, isso porque antes de ser autor, o indivíduo é leitor, visto que a escrita requer leituras para que seja praticada. Ninguém escreve sobre o que não conhece, até porque “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1992, p.11).

A escrita é o processo em que o ser humano transforma o seu pensamento em linguagem, na medida em que ser autor é defender uma ideia inserida em um texto. Por meio dela se interpenetram a visão do mundo e o conhecimento adquirido do autor. Logo, “(...) entende-se [...] que o autor é o sujeito capaz de criar discursos com sentido, a partir da tessitura de palavras e teorias construídas no seu meio social e cultural” (SILVA, 2008, p. 368).

A escrita do gênero artigo científico em análise

Nesta seção, são feitas as análises de artigos produzidos para a XVI Semana de Letras da UEPB, em que são observadas questões relacionadas, principalmente, ao discurso e ao plágio; além de breves considerações quanto à gramática e à ortografia, à normatização, dentre outras. A partir destas, são discutidas as inadequações e impropriedades na produção do gênero acadêmico Artigo científico.

De primeira instância, verificamos o emprego da primeira pessoa do plural em um trabalho monoautoral, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1: Uso da primeira pessoa do plural em trabalho monoautoral.

Nesse sentido, apresentaremos, inicialmente, alguns pressupostos teóricos que nortearam nosso trabalho. Em seguida, destacaremos os procedimentos metodológicos, para, ao final, analisarmos e refletirmos acerca da execução de nossas aulas.

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

O uso da primeira pessoa do plural é apresentado sob a flexão dos verbos “apresentar”, “destacar” e “analisar”, além da presença do pronome “nosso”, indicativo da primeira pessoa do plural.

Em outro artigo, é observado o emprego de pronomes na 3ª pessoa do singular (vide Figura 2). Nesse caso, o pronome “ele” está implícito diante do substantivo “pesquisador”.

Figura 2: Uso de pronome na 3ª pessoa do singular.

análise linguística. Destacamos que não houve interferência do pesquisador no processo, haja vista que se trata de uma pesquisa descritivo-interpretativa.

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

Ainda, em outro Artigo, verificou-se a presença do sujeito indeterminado (Figura 3), que é caracterizado pelo uso da terceira pessoa do singular mais o pronome oblíquo “se”, como podemos visualizar em na estrutura linguística “percebeu-se”.

Figura 3: Presença de sujeito indeterminado.

Neste momento, percebeu-se que o ensino tratava as atividades de leitura e produção de textos tendo como pretexto apenas o ensino das regras gramaticais, desconsiderando a gramática em seus contextos de uso. Além disto, percebeu-se, nesta época, segundo pesquisa de Zilberman e

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

No trabalho do qual se retirou o trecho apresentado na Figura 3, ainda visualiza-se uma quebra de unidade textual, uma vez que há, paralelamente ao uso do sujeito da terceira pessoa do singular presente na formação do sujeito indeterminado, o uso da primeira pessoa do plural (Figura 4), representado pela flexão do verbo “perceber”.

Figura 4: Uso da primeira pessoa do plural – quebra de unidade textual.

Observando o Ensino Fundamental e Médio, percebemos que, em todos os componentes curriculares, a leitura está presente, porém é nas aulas de LP que se trabalha o

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

Assim, Veiga-Neto (2014) propõe o uso da 1ª pessoa do singular, como pode ser bem observado na escrita do seu trabalho: “Aproveitando minha trajetória ao longo das quatro décadas de vida acadêmica e, em especial, a minha imersão no campo formado pela articulação entre a Educação e os Estudos Foucaultianos (...)” (p.62). Ainda, esclarece que a utilização da primeira pessoa do plural, da primeira pessoa do singular e do sujeito indeterminado, deixa a autoria nebulosa, causando estranhamentos ao leitor, o que constitui um desrespeito a quem lê.

Dando continuidade às análises, tratamos do plágio, que, lamentavelmente, é uma prática antiética que foi observada em uma significativa parcela dos Artigos científicos presentes nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB. Por exemplo, temos o trecho exposto na Figura 5.

Figura 5: Trecho plagiado encontrado em Artigo científico nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB.

A carta é um gênero textual que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, para agradecimento, para informações, para cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc. A escolha do gênero *carta* como

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

A escrita original desse fragmento advém de uma sequência didática produzida por uma professora do estado do Paraná, destinada ao Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) (Figura 6). Como pode ser observado, há apenas um trocadilho das palavras “textual” e “discursivo” como caracterizadoras da palavra “gênero”.

Figura 6: Trecho original retirado de uma sequência didática.

produção de textos diversos. A carta é um gênero discursivo que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, como agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc.

Fonte: Volponi (2007).

Esse mesmo trecho também foi encontrado plagiado em uma Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, o que representa uma grande preocupação quanto à qualidade da produção acadêmica no Ensino Superior. Na referida tese, o plágio foi além do destacado na Figura 6 (vide Figura 7).

Figura 7: Trecho original expandido retirado de uma sequência didática que foi plagiado por uma Tese de Doutorado.

O trabalho com gêneros favorece a aprendizagem da escrita, leitura e produção de textos diversos. A carta é um gênero discursivo que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, como agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc. Para Bazerman (2006), este gênero foi criado para mediar a distância entre dois indivíduos e está ligado às relações sociais.

Fonte: Volponi (2007)

O trecho destacado na Figura 07 foi plagiado com pequenos trocadilhos, como a substituição da vírgula após “diferentes fins” por um travessão, a retirada da palavra “como” logo em seguida, troca do “etc.” por “entre outros.” e troca do pronome demonstrativo “este”, em “este gênero”, pelo artigo definido “o”, em “o gênero”.

Ainda, foram verificados em Artigos científicos publicados nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB problemas de pontuação, como o inadequado uso da vírgula separando sujeito e predicado de orações; de conteúdo, como é o caso observado em trabalhos que atribuem a noção de gênero a elementos aos quais não cabe a referida associação; de normatização/padronização, como, por exemplo, a ausência de paginação em citação direta, o que contraria as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); de coerência; de informatividade; enfim, problemas que afetam a qualidade do texto produzido, reduzindo o seu prestígio na academia.

Considerações finais

Por todas as questões analisadas, verifica-se a necessidade de harmonia entre os elementos linguísticos e extralinguísticos na produção dos gêneros acadêmicos. Vale destacar, também, a importância da produção do Artigo científico como elemento de divulgação de pesquisas e da ciência propriamente dita.

Ainda, observou-se que as dificuldades encontradas por muitos estudantes na produção do gênero acadêmico, discutido neste trabalho, assim como no desenvolvimento de outros gêneros, é um problema oriundo da Educação Básica, o que demanda ações por parte

do Governo e da Escola, a fim de sanar essa dificuldade que pode trazer consequência desagradáveis para o sujeito, tanto pessoal, acadêmico, quanto profissionalmente.

No que concerne ao Ensino Superior, verifica-se a necessidade de um currículo que abarque as demandas acadêmicas e de produção de gêneros acadêmicos por parte dos alunos, tendo em vista que os discentes de graduação costumam se deparar apenas com uma disciplina de Letramento Acadêmico durante todo o curso.

Referências

ARANHA, S. The development of a genre-based writing course for graduate students in two fields. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D (Orgs). *Genre in a changing world*. Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2009.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. _____. In: *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-358.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.

BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Organizadores). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina, PR: Moriá, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer n.: CNE/CP 009/2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução n.: CNE/CP 001/2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. *Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita*. Revista Linguagem em (dis)curso, Tubarão, SC, v. 6., 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: _____. Ditos e Escritos. Estética: literatura, pintura, música e cinema. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Orgs). *Os significados do letramento – Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1996.

LEIBRUDER, A. P. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. In: BRANDÃO, H. N. (org.). *Aprender e ensinar com textos*. Vol. 5. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCANTÔNIO, A. T.; SANTOS, M. M.; e LEHFELD, N. A. de S. *Elaboração e divulgação do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1993.

MOTTA-ROTH, D. *A importância do conceito de gêneros discursivos no ensino da redação acadêmica*. Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 3, p. 119-128, 1999.

SILVA, O. S. F. *Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?*. Rev. Bras. Educ. 2008, vol.13, n.38.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, A. C. L. C.; SILVEIRA, K. S. D.; CARNEIRO, C. G. *Anais da XVI Semana de Letras - Linguagens, Cultura e Ensino: diálogos possíveis / Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Karyne Soares Duarte Silveira, Cléa Gurjão Carneiro (Org.) – Campina Grande, PB: Realize, 2014.*

SPACK, R. *Initiating ESL students into the academic discourse community: how far should we go?* TESOL Quartely, Alexandria, v. 22, 1988.

SWALES, J. M. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VEIGA-NETO, A. Anotações sobre a escrita. In: Oliveira, A.; Araújo, E. & Bianchetti, L. (eds.) *Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e a orientação*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014.

VOLPONI, M. L. *Sequência didática*. Sequência didática produzida por Margaret de Lourdes Volponi, no ano de 2007, para o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) do Paraná.